

---

# Talha para vinho ou vinagre descoberta no casco medieval de Tomar

SALETE DA PONTE  
JUDITE MIRANDA

**R E S U M O** Neste artigo, publicam-se os resultados de uma intervenção arqueológica de acompanhamento de obras no casco medieval de Tomar. Registam-se aqui estruturas de edifícios entre os séculos XV/XVI e XIX. A talha para vinho ou vinagre que foi aqui achada, provavelmente data dos séculos XV/XVI.

**A B S T R A C T** This paper summarizes the results from the archaeological excavation in the medieval village of Tomar. Here, there were found structures of buildings dated between the 15th-16th centuries and the 19th century. The wine or vinegar vessel that was also found possibly dates from the 15th/16th centuries.

## 1. Introdução

As sondagens arqueológicas efectuadas no edifício n.º 89/91 da Rua Dr. Joaquim Jacinto (antiga Rua da Judaria), entre Julho e Agosto de 2002 (Fig.1), integram-se no quadro geral de condicionantes regulamentadas na Declaração n.º 76/99 do *Projecto Global de Conservação e Recuperação do Centro Histórico de Tomar* (D. L. 76/99, 2.ª série, de 05/03/99). Os trabalhos arqueológicos foram orientados e coordenados pela equipa deste resumo.

Optou-se pela abertura de quatro sondagens desencontradas e em volta de um poço existente a meio do espaço quadrangular térreo.

O achado arqueológico situa-se no subsolo do edifício n.º 89/91, (Fig.2) numa das vias do casco medieval, actualmente designada Rua Dr. Joaquim Jacinto (antiga rua da *Esnoga*, depois Rua Nova). Este edifício fica a pouco mais de 50 metros da Sinagoga hebraica da 1.ª metade do século XV.



Fig. 1 Edifício 89/91 da antiga rua da Esnoga (Tomar).

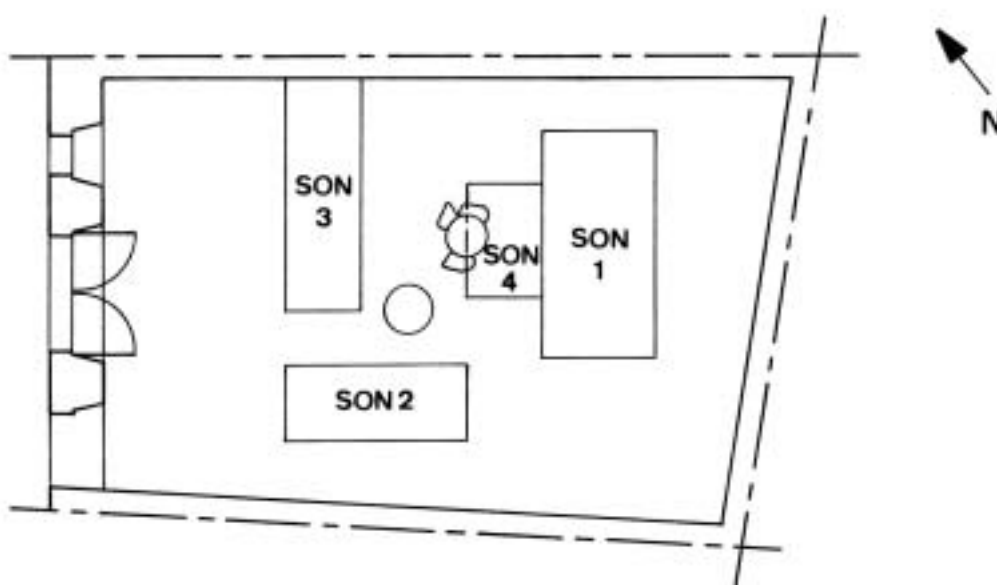


Fig. 2 Planimétrica das sondagens 1 a 4, Esc. 1: 100 (02/TOM/RJJ. Ed. 89/91).

## 2. Contexto geomorfológico

O edifício, destinado a habitação e comércio, localiza-se na freguesia de S. João Baptista, concelho de Tomar, distrito de Santarém, estando cartografado na Folha 310, da Carta Militar de Portugal, Esc.1: 25 000, do Instituto Geográfico do Exército, a uma altitude de 31,38 metros. As coordenadas geográficas são: Latitude N: 550,28; Longitude W: 4384,1.

Tomar situa-se no topo norte do Ribatejo, estando inserida na “*estreita faixa de separação entre os maciços calcários da Estremadura e a Cordilheira Central*” (Conde, 1996, p. 21). O terreno é constituído por calcários, terras areníticas e argilas várias, com alguns calhaus rolados, correspondentes a calcários lacustres e terraços baixos do rio Nabão.

É nesta ambiência geomorfológica que se integrava uma das vias movimentadas do casco medieval e moderno, entre os séculos XIV e o XVIII. O casco urbano medieval era constituído por casario acompanhado de hortas, quintais e jardins (Barreira, 1618, p. 14). Hoje, os vestígios materiais do passado urbano, fornecem-nos *flashes* da vida sócio-cultural e económica da comunidade tomarense.

## 3. A escavação

O chão do piso térreo, à cota de 31,32 metros (Fig. 2), foi previamente limpo de entulhos acumulados, para a implantação das quatro sondagens (SOND.1 a SOND.4), com a seguinte nomenclatura: 02/TOM/RJJ/Ed.89/91.

### 3.1. O contexto arqueológico

#### 3.1.1. Estruturas e materiais

As sondagens efectuadas (SOND.I a SOND. IV) apresentam um denominador comum, entre si, sobretudo pela uniformidade da estratigrafia, revelando esta uma sobreposição contínua e temporal da ocupação habitacional e comercial (Fig. 3).

Reconhecemos basicamente, apesar da escassez de restos de construções medievais, a evolução temporal do edificado, tendo este espaço sido ocupado, muito provavelmente nos séculos XV/XVI, XVII-XVIII e remodelado no século XIX, com utilizações várias nos séculos XIX-XX.

Ali se reconheceu que a uma cota de 29,72 m e assente numa camada uniforme, compacta de terra cinzenta escura, bastante húmida estavam dispostos vários seixos de rio, em ferradura, e argamassados com uma argila amarela, de areia e de cal hidráulica (Fig. 4). O que resta deste bloco de seixos, corresponderá a vestígios de ocupação anteriores ao século XVI, como nos confirmam os entulhos de talhas partidas e de *tegulae*, à cota de 30 m (SOND. 4).

À cota de 30,40 m denotam-se vestígios de um lastro de argamassa de cor amarelada e de natureza arenítica, destinado a um pavimento sólido e térreo. Os materiais recolhidos sobre esta evidência arqueológica datam a abertura de caboucos para alicerçamento e implantação da talha reaproveitada e do pavimento de tijoleira, situada, entre os finais do século XVI/XVII e o século XVIII. Esta talha, que servira para a produção de vinho durante os séculos XV-XVI, foi aproveitada posteriormente para silo (séculos XVII-XVIII), e, depois, usada



**Fig. 3** Vista geral das sondagens arqueológicas, tendo a meio o poço e a boca da talha vinagreira.



**Fig. 4** Pormenor da talha vinagreira [(SOND. 4 (5))].

como lixeira durante os séculos XIX-XX. Continha até à profundidade de 1 m, entulho contemporâneo, constituído por material gráfico. A boca da talha foi coroada por uma orla de pedra aparelhada, muito provavelmente na última ocupação da “loja”, por volta dos anos 30 (1930). O pavimento de tijoleira (séculos XVII-XVIII) ocupa todo o espaço térreo, sendo alterado para a cota de 31,32 m. As sondagens 2, 3 e 4 (talha) enquadram um poço, de 0,60 m de diâmetro.

O poço ou cisterna é de forma cilíndrica, apresentando um aparelho de pedra seca, de aspecto irregular. Estava parcialmente entulhado, não sendo ainda possível determinar a sua profundidade. À profundidade actual de 3,60 metros tinha um enchimento superficial e subcontemporâneo, tal como a talha.

Os materiais cerâmicos, vítreos e metálicos são, a par dos níveis estratigráficos e dos vestígios estruturantes, a referência genérica e interpretativa para as sucessivas ocupações do piso térreo deste edifício.

As paredes estruturantes actuais (fins da metade do século XVIII-XX), repousam em alicerces coetâneos do chão da cozinha, ou, de armazém, revestido a tijoleira, com marcas de fogo.

Ilustramos um grupo variado de material arqueológico, que nos parece significativo e concordante com os horizontes estratigráficos mais importantes, no plano de análise e interpretação deste painel cronotipológico e cronomorfológico.

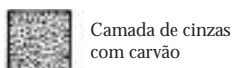
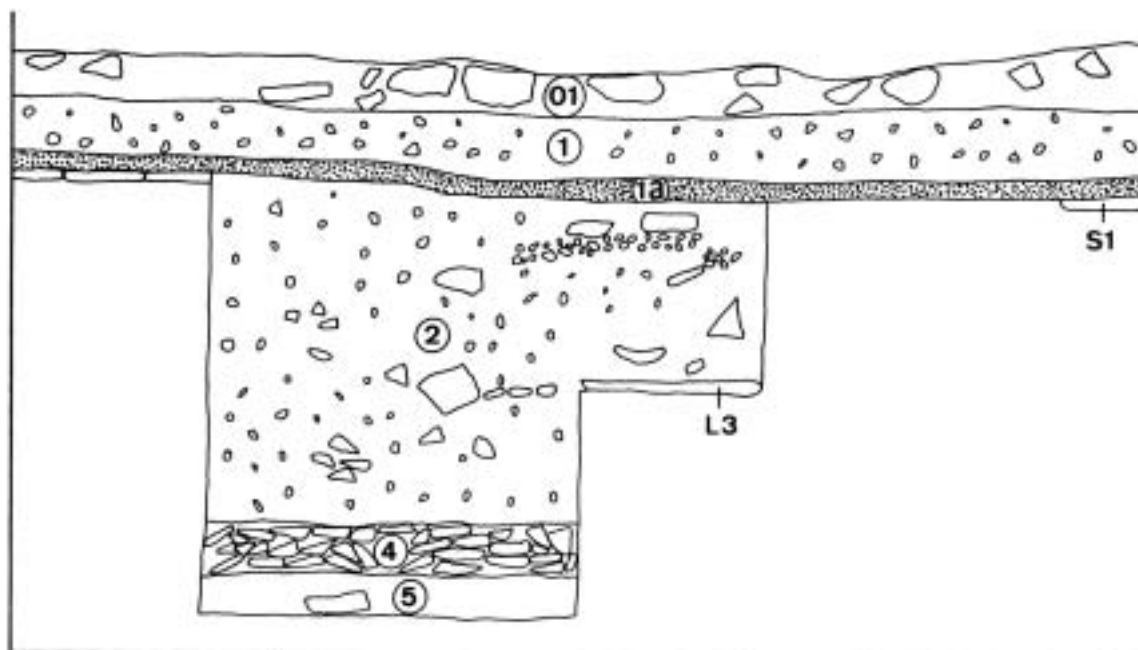


Fig. 5 Corte estratigráfico da parede norte, SOND. 1, à esc. 1:20.

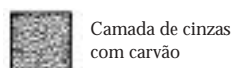
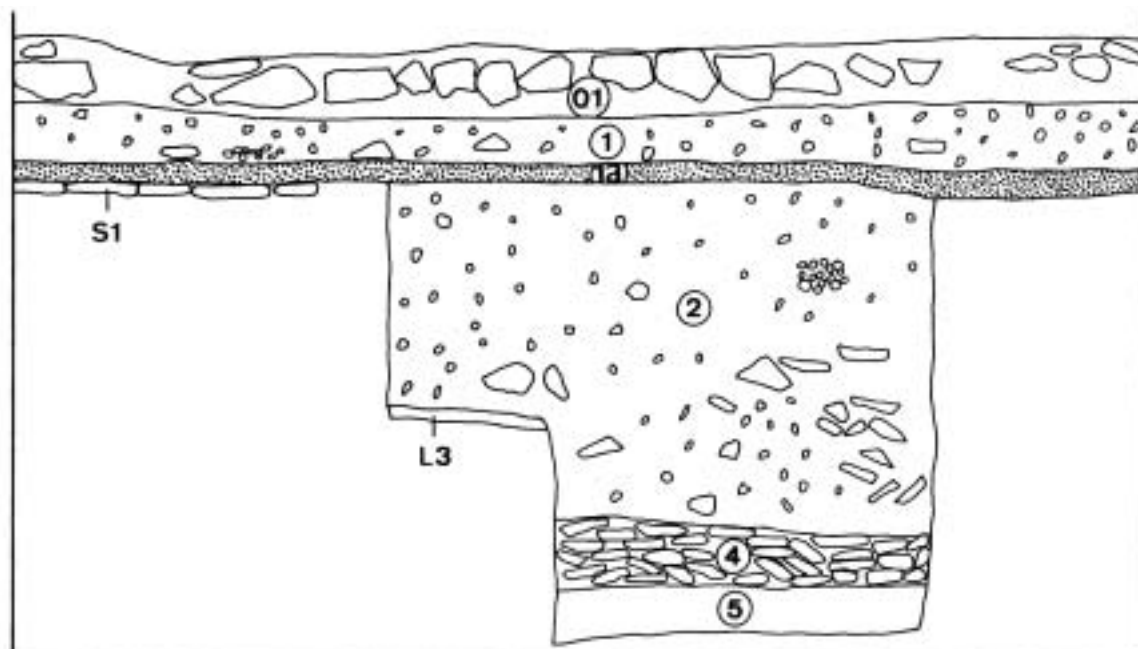


Fig. 6 Corte estratigráfico da parede sul, SOND. 1, à esc. 1:20.

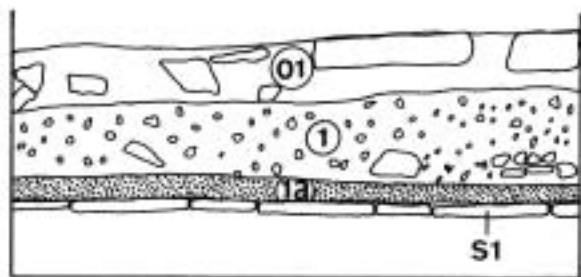


Fig. 7 Corte estratigráfico da parede este, SONDA 1, à esc. 1:20.

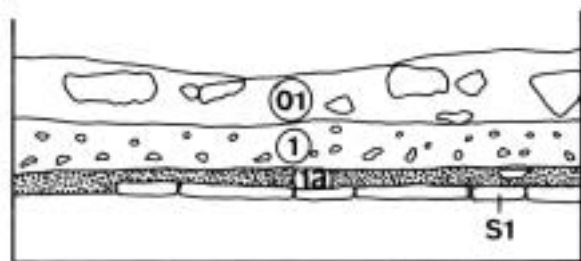


Fig. 8 Corte estratigráfico da parede oeste, SONDA 1, à esc 1:20.

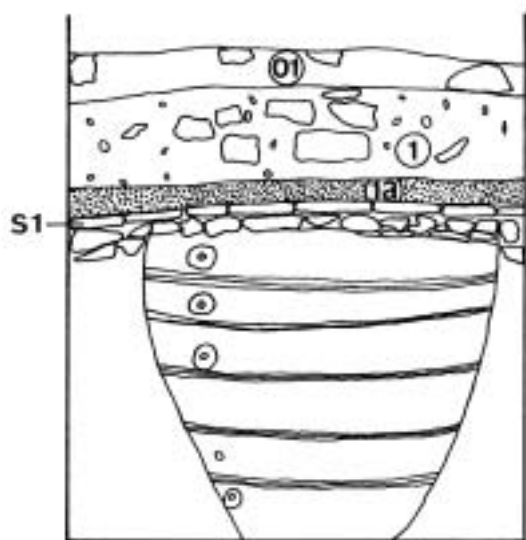


Fig. 9 Corte estratigráfico da parede norte, SONDA 4, à esc. 1:20.

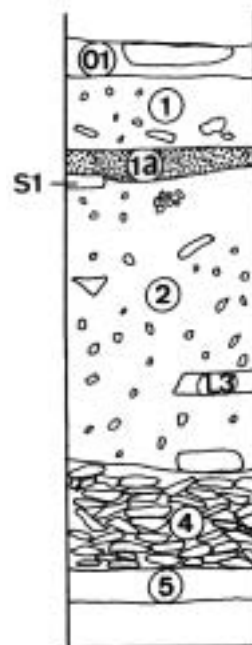
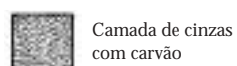


Fig. 10 Corte estratigráfico da parede este, SONDA 4, à esc. 1:20.

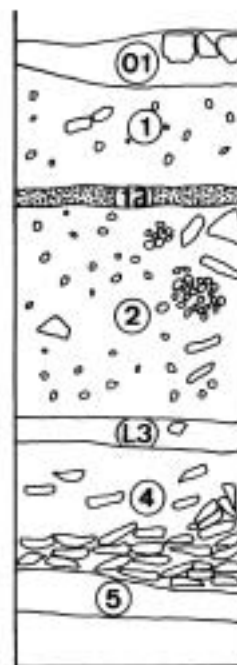


Fig. 11 Corte estratigráfico da parede oeste, SONDA 4 à Esc. 1:20.

### 3.1.2. Sequência estratigráfica

Os perfis estratigráficos fornecidos pela escavação das sondagens 1 a 4 permitem-nos identificar os principais patamares ocupacionais do sítio, entre os séculos XV/XVI e XVIII/XX-XXI (Figs. 5-11), apesar das intervenções contemporâneas registadas, por meio de enchimentos heterogêneos, aquando da inserção da tubagem sanitária de grés (Figs. 12-14).

A sequência estratigráfica das sondagens 1 e 4, correspondente aos períodos de ocupação entre os séculos XV/XVI e XVI-XVIII, é bastante elucidativa sobre a ocupação do espaço durante a Idade Média e a Idade Moderna. Assim, os componentes estratigráficos de maior evidência arqueo-histórica, são os definidos pelos parâmetros contextuais das sondagens 1 e 4.

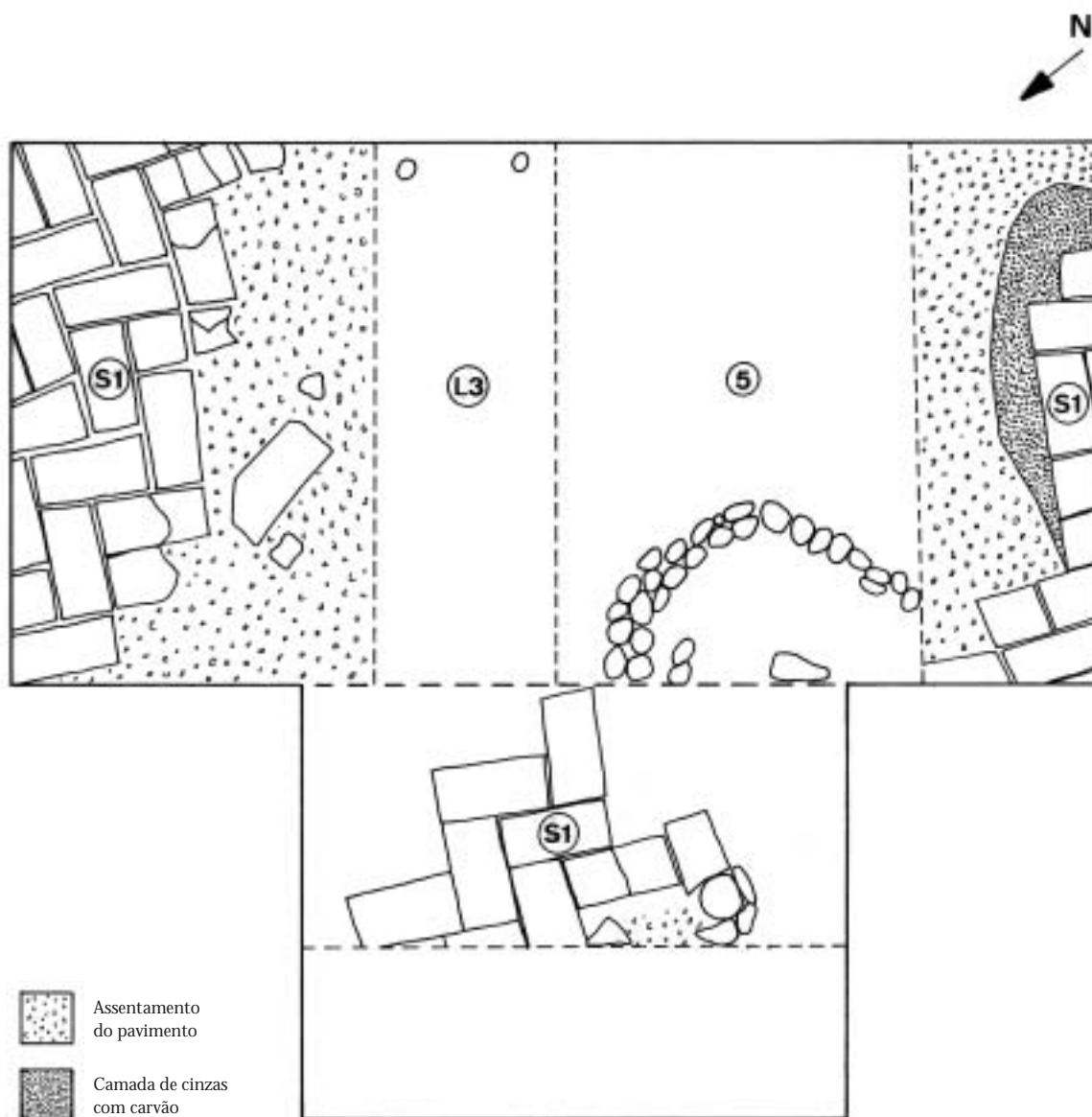


Fig. 12 Plano das SOND. 1 / SOND. 4, à Esc. 1:20.

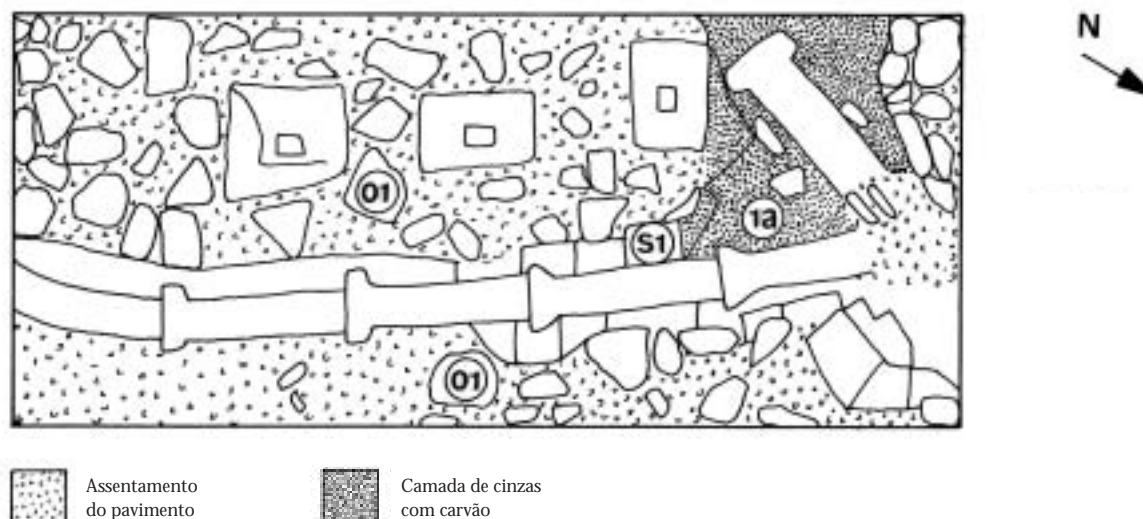


Fig. 13 Plano da SONDA 2, à Esc. 1:20.

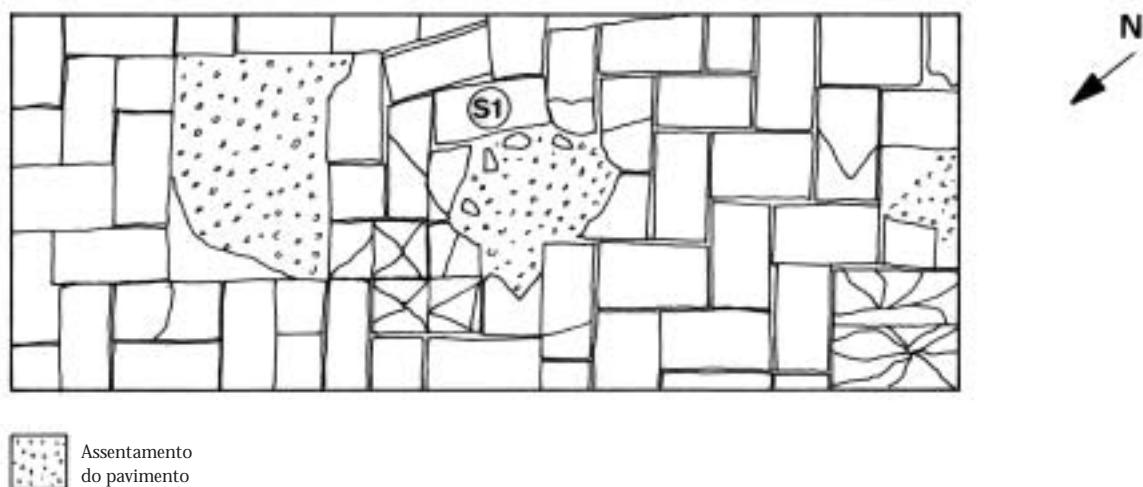


Fig. 14 Plano da SONDA 3, à Esc. 1:20.

### SONDA 1

A sequência estratigráfica é constituída por 8 camadas. O substrato local é constituído por uma camada uniforme (nível 5), argilosa, húmida e de cor negra, sobre o nível do lençol de água do rio Nabão, à cota de 48 m. As camadas registadas descrevem-se do seguinte modo:

#### Camada (01)

É constituída por saibro, areia bastante fina, misturada com fragmentos de tijolo e pedras calcárias, de alvenaria e de enchimento de paredes, recentes (séculos XIX-XX). Os blocos calcários são de tamanho variável, estando compactadas, com sedimentos, de cor laranja-avermelhado, dada a presença de uma matriz areno-argilosa e de argamassa de revestimento. Encontraram-se, com efeito, materiais de diferentes épocas, com predomínio de cerâmica vidrada pintada moderna e contemporânea. Corresponde a um nível de superfície, de depósito e enchimento, recente, durante a última centúria.



### Camada (1)

Esta camada é formada por sedimentos, de cor acastanhada, incluindo bastantes fragmentos de telha, pedra miúda e seixo do rio. Este nível arqueológico é bastante homogéneo, apresentando uma espessura com cerca de 200 mm. Ao nível da base desta camada, surge uma tijoleira com 300 x 170 mm assente em nódulos de barro acinzentado, aos quais parecem estar associados a uma bolsa de cinzas (nível 1a), com cerca de 4 mm de espessura.

Parece-nos corresponder a indícios de um substrato de derrube e destruição, não anterior aos meados do século XVIII.

Foram recolhidos vários fragmentos de cerâmica comum (armazenamento e de cozinha) e de cerâmica vidrada, a par de vestígios osteológicos de animais domésticos, à mistura com madeira, pregos, chumbo e carvão vegetal.

### Camada (1a)

Camada de terra pulverulenta, de cor negra, compacta, sendo constituída por cinzas, carvão vegetal, vários fragmentos de cerâmica comum, cerâmica vidrada, restos osteológicos, de animais domésticos, fragmentos de vidro e um espelho de fechadura, de bronze (século XVIII). Esta sub-camada revela indícios fortes de fogo, que poderia estar na origem da destruição de bens imóveis do século XVIII.

### Camada (S1)

Pavimento de tijoleira, que ocupa toda a extensão do espaço térreo. As tijoleiras são rectangulares e uniformes: 280 x 140 x 30 mm. Este revestimento, à cota aproximada de 51,92 m/51,97 m apresenta uma inclinação de 50 mm, no sentido W/E, provavelmente relacionada com o poço e a talha, facilitando a condução de água à cozinha/loja/armazém moderno e à limpeza do piso cerâmico.

### Camada (2)

Esta camada é formada por sedimentos areno-argilosos soltos, bastante húmida, de várias tonalidades, desde o laranja-acinzentado ao castanho e preto. Apresenta um núcleo de grande espessura (mais de 1 metro), constituído por cinzas, reboco, seixos de rio, pedra miúda e bastante *tegulae*.

Esta camada heterogénea corresponde à destruição de uma ocupação dos séculos XV/XVI-XVII com um enchimento ou depósito de enchimentos modernos e contemporâneos (séculos XVII-XVIII).

Encontraram-se a este nível diverso material cerâmico e metálico datável (séculos XVII-XVIII), destacando uma figura de um soldado, em barro (2.<sup>a</sup> metade do século XVIII), vários fragmentos de talha (séculos XV/XVI-XVII), cerâmica vidrada (séculos XVII-XVIII) e porcelana (século XVIII).

### Camada (L3)

Lastro de argamassa, de cor amarelada, à cota de 51,40 m, com duas covas de Ø 100mm paralelas, destinadas a escorrência de águas e de limpeza do piso ou pavimento, provavelmente de tijoleira.

**Camada (4)**

Camada de enchimento de valas de fundação e de nivelamento do terreno aberta no substrato geológico local (nível 5), para área de actividade doméstica/comercial. É constituída por uma camada compacta e homogénea de *tegulae* e de telhas, bastante fragmentadas. Esta camada está à cota de 51,02 m, conservando uma espessura aproximada de 130 mm.

**Camada (5)**

Substrato geológico local, constituído por uma camada areno-argilosa, húmida, de cor negra e bastante compacta.

É nesta matriz que se conservam alguns seixos de rio, desenhando uma eventual base de suporte para talha, uma das quais reaproveitada posteriormente (século XVII).

**SOND. 4**

Este corte arqueológico é adjacente, do lado setentrional, à sondagem 1. A planimetria das SOND. 1/4, articulada à similitude sequencial estratigráfica de ambas as sondagens arqueológicas, permitem-nos reconhecer uma sequência ocupacional deste espaço térreo, que sofreu, ao longo dos tempos históricos, alterações físicas, sobretudo ao nível da elevação de pavimentos, sobreposição de paredes e de enchimentos de entulhos sequenciais.

A sequência estratigráfica da SOND.4 é idêntica à da SOND.1, constando de oito camadas.

A presença de material arqueológico torna-se evidente, sobretudo nos níveis (1), (1a), (2a) e (4).

**Camada (1)**

Esta camada embala um grupo heterogéneo de cerâmica comum, cerâmica vidrada, vidro e metálico moderno, para além de restos osteológicos, de animais domésticos.

**Camada (1a)**

Inclui, para além do mesmo núcleo cerâmico e vítreo, uma moeda de bronze (V réis), de D. Maria I (1777).

**Camada (2)**

É constituída pelo mesmo tipo de material arqueológico (séculos XVII-XVIII), sobressaindo vários fragmentos de talha (séculos XV/XVI-XVII).

**Camada (4)**

É constituída pelo mesmo tipo de lastro de assentamento e nivelamento do solo. Os desenhos planimétricos revelam as evidências arqueológicas desde as mais antigas às mais recentes, como o tubo de grés, para condução de esgotos, de tipo garfo/calção.

A talha rompe os níveis estratigráficos (2) e (L3), como nos atestam os cortes estratigráficos da SOND 1.

### 3.1.3. Interpretação crono-estratigráfica

As sondagens 1 e 4 fornecem-nos uma sequência ocupacional do espaço térreo, cujo horizonte transversal nos permite caracterizar o acervo exumado e o substracto estruturante de pavimentos de terra batida e de tijoleira bastante homogêneos, entre os séculos XV/XVI e os séculos XX/XXI.

As camadas 4 e 5, das sondagens 1 e 4, correspondem aos níveis do primeiro assentamento de estruturas e de artefactos, sobretudo contentores cerâmicos, de grande porte. O registo destas pré-existências e de artefactos cerâmicos, permitem datar a ocupação e abandono do solo, respectivamente entre os finais do século XV/inícios do XVI e o século XVII. Revelam, por outro lado, o uso doméstico e artesanal deste grupo de contentores cerâmicos para o fabrico de vinho e vinagre.

A talha “vinagreira” descoberta “*in situ*” (Fig. 4) é esclarecedora quanto à sua funcionalidade, pelo menos, durante uma centúria.

A camada 3 é bastante homogênea, sendo correspondente ao lastro de um piso de terra batida, ou, mais provavelmente de um pavimento de tijoleira. São notórias as marcas de demolição estruturante do pavimento de finais do século XVI/inícios do XVII, permitindo através dos artefactos materiais, datar o abandono e a remodelação do piso térreo.

A camada 2 da sondagem 4 é bastante heterogênea, caracterizando-se por uma série de entulhos e enchimentos contemporâneos da remodelação do piso térreo, ou seja, durante o século XVII. É nesta centúria que se dá uma profunda transformação da *logea*, sobrelevando a cota do chão, revestindo-se esta de um pavimento de tijoleira (Fig. 15) em toda a extensão da



Fig. 15 Pormenor da SOND. 3 (S1).

sala quadrangular, com indícios evidentes de acção do fogo.

A talha “vinagreira” é conservada, tornando-se em contentor de lixo, entre os séculos XVII e os meados do século XVIII/XX.

A orla bocal desta talha é cuidadosamente integrada no pavimento de tijoleira. Parece-nos, por outro lado, que a ligeira inclinação do pavimento de tijoleira, cerca de 50 mm, no sentido oeste/este e a presença de duas covas paralelas na sondagem 3, não teriam outra finalidade, que não a de eventuais escorrências de águas e limpeza do próprio piso.

O pavimento de tijoleira ocupa toda a área da sala quadrangular, com um poço, a meio e uma lixeira próxima, parecendo tratar-se de uma cozinha/loja/armazém durante os séculos XVII-XVIII.

Sobre os pavimentos de tijoleira, as camadas superficiais [(01) (1) e (1a)] das sondagens 1 a 4, apresentam uma composição bastante heterogênea, dada a série de entulhos e profundos remeximentos contemporâneos, com a demolição parcial estruturante de pré-existên-



Fig. 16 Pormenor da boca da talha vinagreira.

cias e reaproveitamento de alvenaria oitocentista para a instalação de uma nova rede de saneamento básico. As camadas estratigráficas definem o período de abandono do pavimento setecentista e a elevação do mesmo no século XIX.

As sondagens 1 e 4 revelam que as camadas (1) e (1a) constituídas por artefactos cerâmicos vítreos e numismas permitem caracterizar a última e mais recente ocupação deste espaço térreo. O bocal da talha foi cuidadosamente alteado com uma cintura de pedras, ou seja, com quatro fiadas de pedras como de um poço se tratasse (Fig. 16). Conservou até finais do século XX/inícios do XXI a sua funcionalidade, a de lixeira.

#### 4. Conclusão

Do conjunto descoberto, ressalta a talha, que teria servido para produção de vinho e aquecimento de água (?), de silo, (cereais ou vinho), e, por fim, de lixeira. Há, digamos algumas reservas sobre a sua utilidade nos séculos XVI/XVII, que será posteriormente definida, após a análise de substratos exteriores, da análise termoluminiscência de outros fragmentos similares, e da limpeza posterior do seu interior. Parece-nos, no entanto, que serviu para produção de vinho/vinagre.

Ficou definido com o proprietário que, aquando da abertura das fundações da obra, a mesma será acompanhada pela mesma equipa de intervenção arqueológica, salvaguardando a talha e grande parte do pavimento cerâmico. Os achados arqueológicos serão integrados na obra de remodelação, constituindo os mesmos, objecto de musealização, não só ao nível do subsolo, mas também do solo.

## 5. Catálogo

1.

Pote. Cerâmica Comum. 02/TOM/RJJ. Ed. 89/91. SONDA. 1 (4). Diâm: 86 mm. (Est. I, 1). Fragmento de bordo triangular, descaído, com ranhura e carena na união do bordo com o bojo; pasta gresosa, de cor castanho-avermelhada (Munsell 5YR 6/3), compacta, depurada com e.n.p. constituídos por quartzo, biotite, moscovite e feldspato. A superfície exterior e interior apresentam marcas profundas de fogo.

2.

Fundo de pote. Id. 02/TOM/RJJ. Ed. 89/91. SONDA. 1 (4). Diâm: 102 mm (Est. I, 2). Base rasa com indícios de arranque do bojo. Pasta similar à anterior, apresentando a pasta cozadura irregular, variando entre a cor castanho-avermelhada (Munsell 5YR 6/3) e a acinzentada (Munsell 7,5 R 7/0).

3.

*Dolium*. 02/TOM/RJJ. Ed. 89/91. SONDA 4 (4). Diâm: 440 mm (Est. II, 3). Fragmento de bordo losangonal com bojo oblongo; pasta grosseira, mal cozida, de cor vermelho-amarelada (Munsell 5YR 5/8) e o acinzentado, em sandwiche (Munsell 7,5 R 7/0), com e.n.p. constituídos por quartzo, moscovite, feldspato e calcite.

4.

Id. 02/TOM/RJJ. Ed. 89/91. SONDA 1 (4). Alt. 280 mm (Est. I, 4). Fragmento de bojo decorado com largas faixas ou molduras salientes, em todo o perímetro; pasta grosseira e de cor castanho-acinzentada (Munsell 2,5 Y 4 (4), compacta e esponjosa, com e.n.p. constituídos por calcite, feldspato, quartzo, biotite e moscovite. As paredes interior e exterior da peça apresenta uma cor castanho-avermelhada claro (Munsell 5YR 6/4).

5.

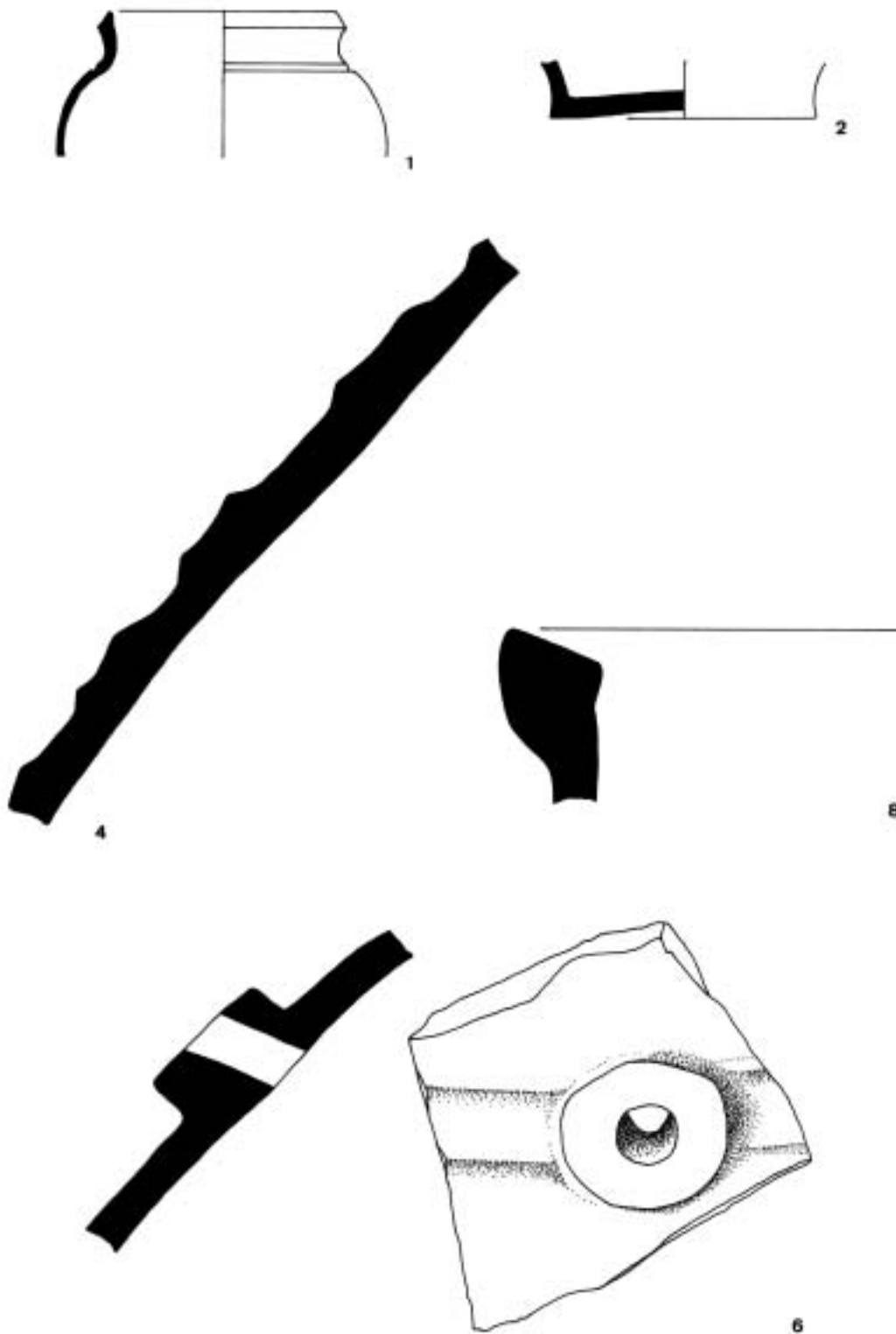
Id. 02/TOM/RJJ. Ed. 89/91. SONDA 1 (4). Alt. 110 mm (Est. II, 5). Fragmento do bojo, igualmente cingido por fitas ou molduras salientes, tendo entre elas um orifício circular; a pasta é vermelho-alaranjada (Munsell 7,5 RG/4), compacta, com e.n.p. constituídos por bastante biotite, moscovite, calcite, quartzo e feldspato.

6.

Id. 02/TOM/RJJ. Ed. 89/91. SONDA 1 (4). Alt. 160 mm (Est. I, 6). Fragmento de bojo com uma boca circular, saliente e perfurada, estando associada a uma moldura saliente larga e ligeiramente côncava. A cor da pasta é vermelho-acastanhada (Munsell 2,5YR 6/2), nas paredes interior e exterior, sendo o cerne de cor acinzentada (Munsell 10YR 5/1).

7.

Id. 02. TOM/RJJ. Ed. 89/91 SONDA 4 (2). Diâm. 340 mm (Est. II, 7). Fragmento de bordo amendoado, com o topo ligeiramente inclinado. Possui no interior uma ranhura. Conserva o arranque do bojo; pasta similar à anterior.



Estampa I

**8.**

Id. 02/TOM/RJJ. Ed. 89/91. SONDA 4 (2). Diâm. 340 mm (Est. I,8). Fragmento similar ao anterior, apresentado um bordo oblíquo, facetado em dois planos do lado interior, de cariz triangular e esquadriado no lábio. A cor superficial oscila entre o vermelho claro (Munsell 5YR 7/6) e castanho-vermelho claro (Munsell 5YR 6/3). É comum uma pasta de natureza quartzo micácea, pouco homogénea, esponjosa e grosseira, apresenta e.n.p. constituídos por bastante mica, quartzo e feldspato alcalino e alguma calcite. O cerne apresenta um tom acinzentado (Munsell 10 YR 6/3).

**9.**

Púcaro. Ref. 02/TOM/RJJ. Ed. 89/91. SONDA 4 (2). Diâm. 100 mm; Alt. 150 mm. (Est. II, 9). Peça quase completa, carecendo da parte do bojo. Fundo raso, bojo ovóide, com colo largo, mal distinto do bojo e asa de fita. Pasta gresosa, grosseira e ferruginosa, sendo constituída por e.n.p. de quartzo, mica e feldspato alcalino. A cor da pasta é entre o vermelho-amarelado ou alaranjado (Munsell 5YR 5/6) e o acinzentado (Munsell 10YR 6/3). A superfície externa apresenta marcas de fogo.

**10.**

Id. Ref. 02/TOM/RJJ. Ed. 89/91. SONDA 4 (2). Diâm. 100 mm; Alt. 144 mm (Est. III, 10). Peça incompleta, carecendo da parte inferior das asas, da base e do bojo. Ombros arredondados, com uma moldura, colo largo, asa de fita. Pasta gresosa, grosseira e esponjosa, sendo constituída por e.n.p., de quartzo, mica, feldspato alcalino e grãos de calcite. A cor da pasta é de cor vermelha clara (Munsell 2,5YR 6/8). Fumos de cozedura escurecem as paredes exteriores.

**11.**

Id. Ref. 02/TOM/RJJ. Ed. 89/91 SONDA 4 (2). Diâm. 200 mm (Est. III, 11). Colo alto, apurado com uma ruga a meia-altura e bordo saliente e triangular. Pasta de cor avermelhada (Munsell 2,5YR 4/6), compacta e gresosa, com e.n.p. constituídos por quartzo, mica, feldspato e grão de calcite.

**12.**

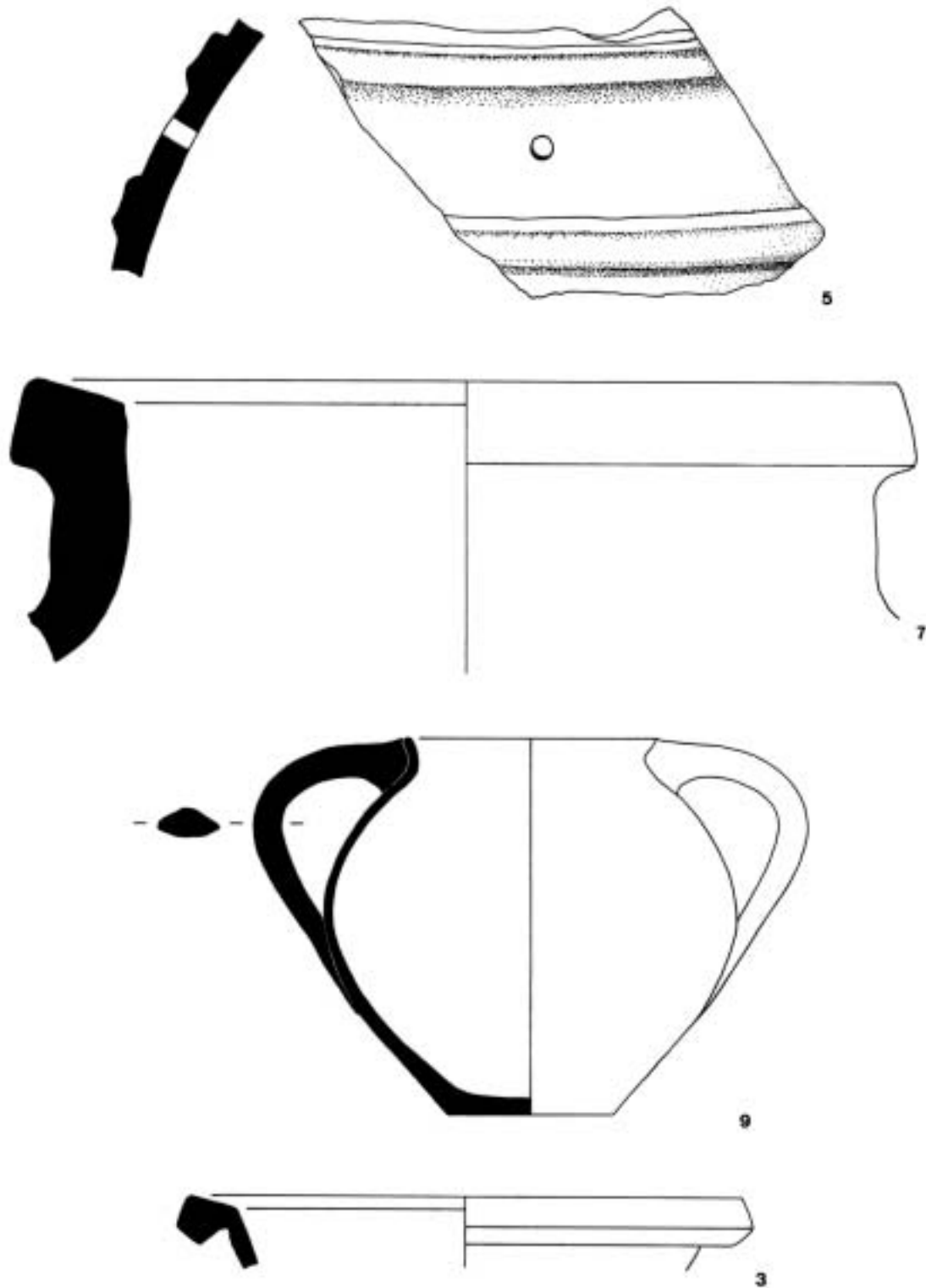
Id. Diâm. 200 mm (Est. III, 12). Colo alto, esvasado, com uma canelura e bordo ligeiramente amendoado, virado para fora. Pasta de cor vermelho-amarelada (Munsell 5YR 5/6), com e.n.p. constituídos por quartzo, feldspato, mica e alguma calcite. Apresenta indícios de fogo.

**13.**

Id. Diâm. 220 mm (Est. III, 13). Similar aos anteriores, apresentando um colo convexo e mais curto. O bordo é ligeiramente engrossado e amendoado. A pasta gresosa é de cor vermelho-amarelada (Munsell 5YR 5/8), constituído por e.n.p., como sejam grãos de mica, feldspato, quartzo e pouca calcite. Apresenta vestígios de fogo na superfície interior e exterior.

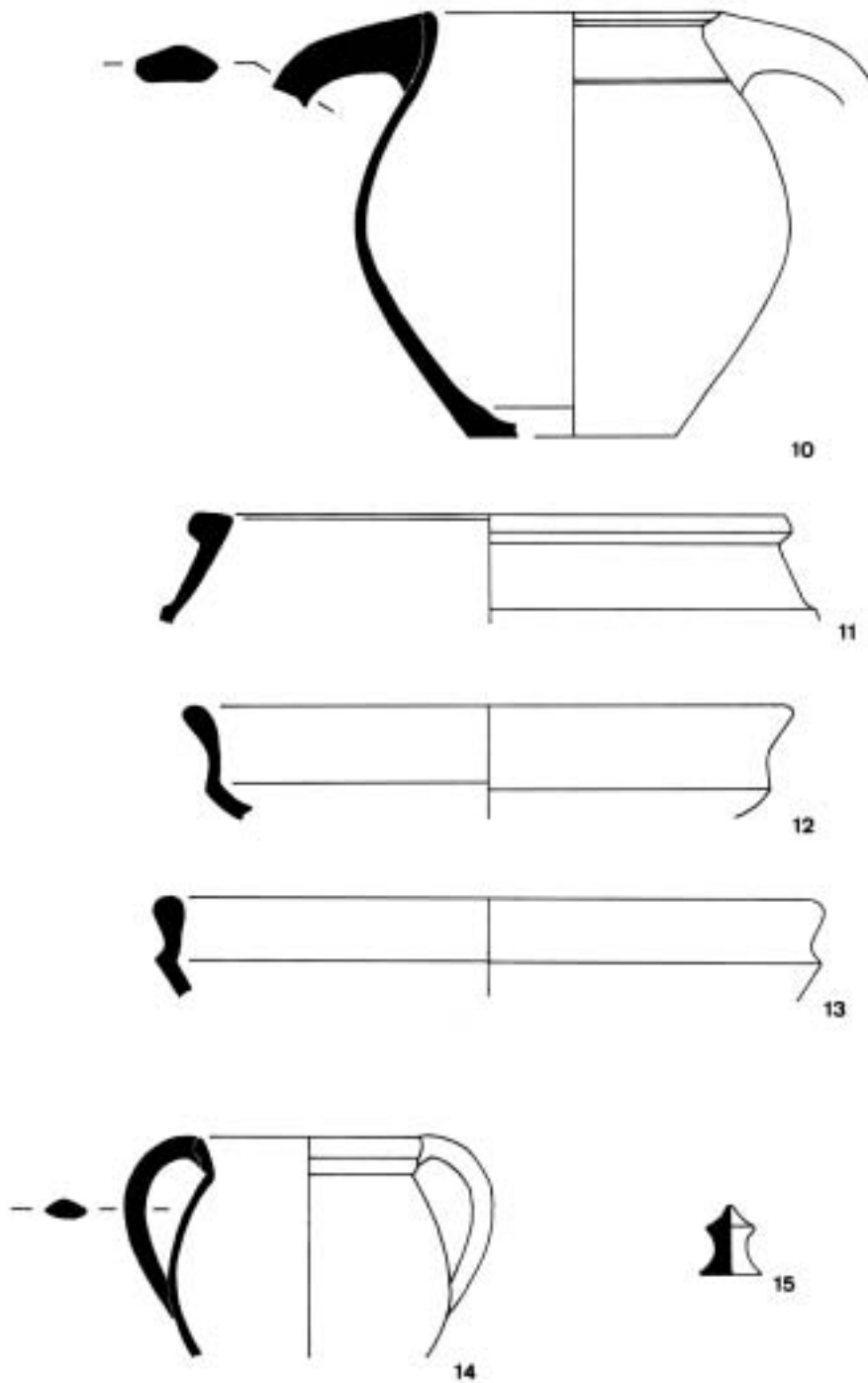
**14.**

Potinho. Ref. 02/TOM/RJJ. Ed. 89/91. SONDA 4 (2). Diâm. 74 mm (Est. III, 14). Bordo revirado para fora, constituído por duas molduras, com asa de fita. O bojo é ovóide. Pasta gresosa de cor castanha-avermelhada (Munsell 5YR 5/3), homogénea, com e.n.p. constituídos por mica, quartzo, feldspato e alguma calcite.

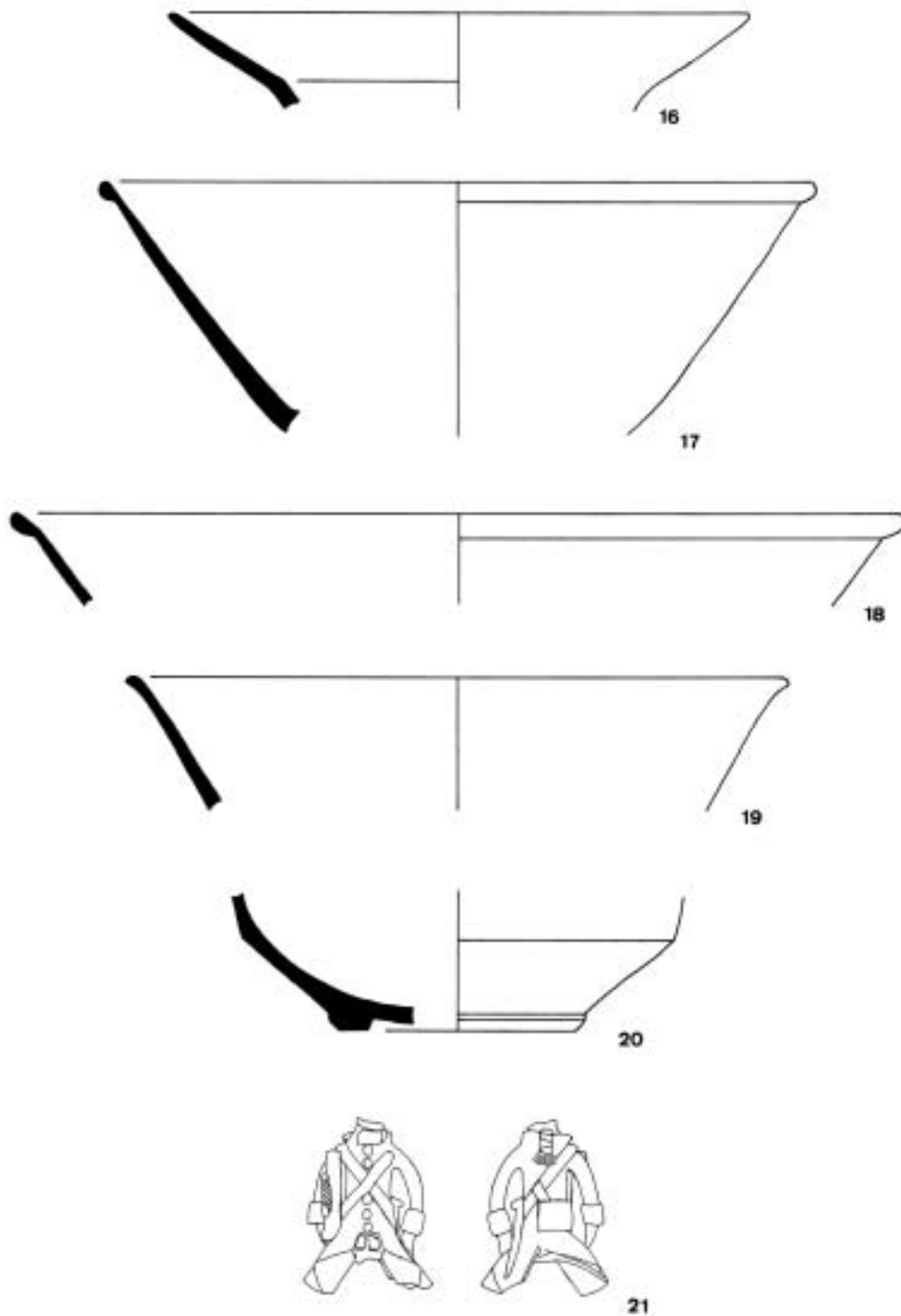


Estampa II





Estampa III



Estampa IV

15.

Pegadeira de testo. Ref.<sup>a</sup> 02/TOM/RJJ. Ed. 89/91. SONDA. 1 (2). Diâm. Base: 20 mm; Alt: 24 mm (Est. III, 15). Peça de prensão, em forma de botão troncocónico, envasado. Pasta gresosa, homogénea, de cor avermelhada (Munsell 2,5YR 5/8), com os mesmos constituintes dos exemplares anteriores.

16.

Prato Covo. Cerâmica vidrada. Ref. 02/TOM/RJJ. Ed. 89/91. SONDA 1 (1). Diâm: 210 mm, (Est. IV, 16) Aba larga, ligeiramente inclinada e côncava, com bordo arredondado, e marcado por uma carena interior, bem marcada, da copa ou parede convexa. A pasta é rosada (Munsell 7,5 YR 7/4), homogénea, arenítica, com e.n.p., constituídos por grãos micáceos, quartzitos e alguma calcite. As paredes interior e exterior são esmaltadas a branco (Munsell 5YR 8/1). O bordo é sublinhado interiormente por uma aplicação de um pontilhado contínuo, a azul (Munsell 5Y 4/1).

17.

Id. Ref. 02/TOM/RJJ. Ed. 89/91. SONDA 1 (1). Diâm. 260 mm (Est. IV, 17) Lábio arredondado, virado para o exterior, parede oblíqua, ligeiramente convexa. Os motivos vegetativos e geométricos com decoração policroma, de cor verde, amarelo e castanho, aparecem no interior do vidrado branco (Munsell 5Y 8/1). A pasta é ferrosa, homogénea, de cor branca pálida (Munsell 10 YR 8/3).

18.

Id. Ref. 02/TOM/RJJ. Ed. 89/91. SONDA. 1 (1). Diâm. 320 mm (Est. IV, 18). Similar ao anterior, mas de maiores proporções.

19.

Id. Ref. 02/TOM/RJJ. Ed. 89/91. SONDA 1 (1). Diâm. 240 m; Alt. Prov.: 130 mm (Est. IV, 19 e 20). Dois fragmentos que parecem pertencer à mesma peça. Lábio arredondado, virado para o exterior, paredes oblíquas rectas e divergentes, com carena e pé em ressalto. Os motivos decorativos são geométricos e de cor verde, amarela, castanha e azul, sobre o vidrado branco (Munsell 5Y 8/1). A pasta é homogénea, arenítica, de cor rosa (Munsell 7,5 YR 7/4).

20.

Soldadinho de barro. Ref. 02/TOM/RJJ. Ed. 89/91. SONDA. 1 (2). Alt. 68 mm (Est. IV, 21). Esta figura conserva a peruca em bolsa, casaca com punhos largos, guarnecida de galões e botões e com um porta-estandarte.

21.

Moeda (V reis). Cobre Ref. 02/TOM/RJJ. Ed. 89/91. SONDA 4 (1a). Diâm: 14 mm. D. Maria I (1777).

22.

Espelho de fechadura. Bronze Ref. 02/TOM/RJJ. Ed. 89/91. SONDA 1 (1). Dim: 50 x 35 x 0,2 mm. Placa losangonal recortada em todo o perímetro, tendo o campo central uma abertura em 8.

**23.**

Prego/charneira. Bronze e Ferro. Ref. 02/TOM/RJJ. Ed. 89/91. SOND. 4 (1) Comp. 115 mm. Diâm. Cabeça: 20 mm. Haste cilíndrica, de ferro, com uma cabeça decorativa, com uma perfuração para encaixe.